

CONFESSIONALIDADE NA MÚSICA III

Ouvir e entender música

FOTO: ARQUIVO EDITORA CONCÓRDIA



Estimados leitores! Hoje, temos uma reação, aos artigos anteriores, do maestro Axel Bergstedt da Paróquia Esperança, Cariacica, ES, trazendo alguns pontos de vista acerca da reflexão da música na igreja. Estimulamos todos a enviar perguntas ou reações para pbrum@ulbra.br ou para a Editora, pois prontamente retornaremos e possivelmente constará em uma das próximas edições do *Mensageiro*.

PAULO BRUM

Membro da Comissão de Culto da IELB
Pastor e capelão de música da ULBRA

Uma estação subterrânea de metrô, na Alemanha, virou ponto de encontro de marginais, usuários de drogas, mendigos e ladrões na espera de vítimas que saíssem do metrô com suas bolsas. A empresa chamou a polícia por várias vezes, mas, como não conseguiam flagrar os marginais, não conseguiram fazer nada para evitar essa situação. Jovens com roupas e hábitos agressivos colocavam as botas sujas nos bancos, jogando lixo no chão, ameaçando transeuntes e mais. Certo dia, a empresa montou uma sonorização no teto e começou a tocar música (religiosa e instrumental, especialmente clássicos como Bach, Handel e Vivaldi). Os marginais não aguentaram e fugiram do local. Hoje, muitas estações de metrô, praças e outros

locais têm uma sonorização com música clássica, religiosa ou ética.

O IMPACTO DA MÚSICA INSTRUMENTAL

Como Paulo Brum já escreveu em recentes artigos sobre música, ela é uma língua. A Língua Portuguesa tem o famoso exemplo da palavra “rapariga”. Ouvindo essas quatro sílabas, a maioria dos brasileiros pensa em uma coisa indecente, embora um português pense em uma moça comum, sem malícia alguma. Um estrangeiro que não entende Português não vai associar nada ou, quem sabe, imaginar outro significado.

Na música podem acontecer as mesmas coisas. Uma música de Bach como o início do livro de piano *O cravo bem temperado*,

volume II, que conta com os meios da música instrumental da criação do mundo, poderia não ser entendida por alguém que não está familiarizado com música desse tipo. Quem sabe, ele associa toda música clássica com um tio bem chato e retrógrado, que por acaso gosta de música clássica, e, por isso, enxerga, nessa música, só enfado e tristeza.

Mas da mesma maneira que um estrangeiro pode aprender a Língua Portuguesa, inclusive os detalhes sobre uso local de palavras como “rapariga”, um ouvinte pode aprender a linguagem musical dos grandes músicos. Todas as pessoas na América e no Oeste da Europa entendem basicamente as expressões da música clássica, porque eles crescem ouvindo músicas clássicas em filmes, propaganda e outros. Por isso, também os marginais entendem a música e se sentem mal com a música cristã ou eticamente boa.

Também uma música para um filme tem que ser adaptada à cena. Se ela é triste, o compositor deverá compor uma música triste, e ele não vai dizer que isso não é possível porque podem existir pessoas que desentendam a música e associam-na com

alegria. Se o compositor colocasse uma música superficial e simplesmente alegre como “Fico Feliz”, de Aline Barros, em uma cena de tensão, tristeza ou heroísmo, todos sentiriam que daria um efeito ridículo.

A MÚSICA É UMA FORMA DE PASSAR MENSAGEM

Concluimos que uma música, mesmo sem palavras, pode ser uma língua definida. As músicas de Bach ou Brahms são músicas evangélicas luteranas que exprimem a nossa doutrina e atitude de orar, enquanto as sinfonias de Bruckner são explicitamente católicas e exprimem outro tipo de religiosidade. De longe, as diferenças parecem pequenas; um muçulmano, talvez não entenda as diferenças entre evangélico e católico. Porém, quem ouve com atenção, começa a entender os grandes compositores e aprende a fé e doutrina luterana através da música. O mesmo vale para alguém aprender sobre a religiosidade dos católicos através de Bruckner, Dvorak e outros.

A partir disso, podemos aprender para as composições de hoje e para as traduções

de hinos estrangeiros. Se quisermos manter a síntese entre música e texto, não poderemos mudar o texto como quisermos. (Paulo Brum já citou o hino nº 93 do Hinário Luterano como exemplo mau, onde a melodia contraria o texto.)

Também, nos arranjos dos louvores e hinos, podemos desenvolver mais criatividade para exprimir melhor o texto, que muda de estrofe a estrofe, variando o som de órgão, teclado e outros instrumentos, adicionar, se tiver, trombetas ou flautas em determinadas estrofes, e mudando até os acordes e a maneira do acompanhamento para revelar mais a mensagem do texto. Sons pesados e puxados de guitarras com distorção, por exemplo, combinam com trechos sérios como na música “Misericórdia”, da banda Sãos e Salvos, mas não com uma alegria como em “Fico feliz”.

Aprendamos com os grandes compositores do passado e também com os bons músicos de hoje. Assim, a nossa música será sempre renovada e viva. E, uma vez ensinada aos nossos irmãos, estes poderão ouvir e entender bem as mensagens maravilhosas que nelas são transmitidas. M

Prêmio Areté

A Igreja precisa criar, aperfeiçoar e atualizar seus métodos e suas estratégias missionárias se quiser cumprir a sua missão de anunciar as Boas Novas da Salvação ao mundo.

Para isso, recomendamos *Teologia e Prática de Métodos Evangelísticos*, agraciado com o Prêmio Areté 2010.



Livro precioso para esclarecer, instruir e motivar, desde a criança até o ancião, a participação na comunicação do Evangelho de Jesus Cristo por meio de ações tão bem definidas como as que aparecem no conteúdo desta publicação.

Adquira já!

Missão da Igreja e Evangelização.
Este livro vai a fazer a diferença na sua maneira de evangelizar.



(51) 3272.3456
pedido@editoraconcordia.com.br
www.editoraconcordia.com.br